



## ENTREVISTA

Ao organizarmos este Dossiê da revista Ñanduty que traz como tema “Arqueologia e Patrimônio Cultural”, não tivemos nenhuma dúvida sobre a pessoa que deveria ser entrevistada: o arqueólogo jesuíta, Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz. Sua importância para a Arqueologia brasileira é inquestionável, pois foi um dos pioneiros nas pesquisas arqueológicas, na formação de recursos humanos em Arqueologia e Antropologia, na participação da fundação da SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira), atuando como seu primeiro presidente, bem como ocupante de cargos e funções que foram importantes para posicionar a Arqueologia praticada no país como ciência e dar visibilidade a esta. Para o estado, o Projeto Arqueológico de Mato Grosso do Sul coordenado por ele, à frente de uma equipe de jovens pesquisadores e pesquisadoras, representou um primeiro olhar sobre a presença humana em tempos recuados que ultrapassam os doze mil anos, até então pouco conhecida pela academia. Neste projeto foram identificados, catalogados, escavados, analisados e publicados os resultados de sítios líticos, cerâmicos e de arte rupestre, que contribuem para a compreensão da presença humana no atual centro-oeste brasileiro. Estes sítios resultaram em dissertações de mestrado de jovens cientistas que continuaram a sua formação, e hoje também são formadores de recursos humanos para a Arqueologia, Antropologia e História.

Esta entrevista não pode ser feita presencialmente, por isso, agradecemos a forma gentil e generosa com que prontamente atendeu a nossa solicitação, e esperamos que esta seja uma forma de reconhecer a importância das pesquisas arqueológicas que o Prof. Pedro Ignácio Schmitz coordenou no Mato Grosso do Sul.

Profa. Dra. Beatriz dos Santos Landa

Profr. Dr. Rodrigo Simas Aguiar

**1. O Senhor poderia descrever sua trajetória acadêmica e pessoal para se tornar um dos arqueólogos mais respeitados do país?**

Nasci em Bom Princípio, RS, em 30.08.1929, tendo ascendência alemã por parte do pai e suíça por parte da mãe. Estudei seis anos no seminário e, em 1948, me tornei jesuíta. Como



tal fiz a correspondente formação em Humanidades, Filosofia e Teologia, chegando ao sacerdócio em 1961.

Paralelamente, em 1957 me formei bacharel em História e Geografia pela UFRGS, Porto Alegre e, em 1958, licenciado. Em 1976 realizei concurso de Livre-Docência em Antropologia e, com ele, recebi também o título de doutor em História e Geografia, pela PUCRS, Porto Alegre.

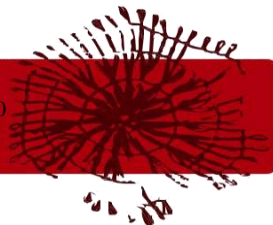
Em 1956 participei da fundação do Instituto Anchietano de Pesquisas, do qual fui diretor durante muitos anos e continuo sendo coordenador. Em 1958 começou minha atividade na cátedra de Antropologia e Etnologia da UFRGS, universidade na qual me aposentei em 1987. Em 1963 comecei a trabalhar, simultaneamente, na UNISINOS, em São Leopoldo, onde continuo ativo. Minha tarefa principal como jesuíta é lecionar e pesquisar, mas também exerço funções religiosas diárias.

Inicialmente eu estava destinado a ser historiador que continuaria a contar a trajetória dos jesuítas no Sul do Brasil. Quando fui convidado para a cátedra de Antropologia e Etnologia, o professor responsável, que estudava populações indígenas do Rio Grande do Sul, me disse que eu poderia fazer carreira em arqueologia porque não haveria ninguém fazendo pesquisa neste campo. O currículo de graduação não oferecia esta matéria, o que me levou a buscar conhecimento e experiência em sucessivos estágios, geralmente de um a três meses: no Paraguai, na Argentina, em Paranaguá e Antonina (PR) com Annette Laming-Emperaire, em Viena (na Áustria), no Peru, no México, nos Estados Unidos e mais um ano na Argentina. A Livre-Docência sancionou e oficializou este conhecimento.

Minha primeira publicação em arqueologia é de 1957. Mas só a partir de 1965 realizo projetos arqueológicos regularmente, de 1965 a 1972 no Rio Grande do Sul e no Uruguay; a partir de 1973 também em Goiás, Tocantins, Bahia, Pernambuco, Mato Grosso do Sul. Em 1984, com o falecimento do P. João Alfredo Rohr, cuja obra herdei, também em Santa Catarina.

Na qualidade de arqueólogo, tenho colaborado em comissões com o CNPq e no Conselho Consultivo do IPHAN; organizei reuniões e congressos; fui o primeiro presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira, SAB, de 1980 a 1983.

Como profetizou o catedrático, que me admitiu na cátedra de Antropologia e Etnologia da UFRGS, fiz carreira como arqueólogo num tempo em que havia poucos no Brasil.



**2. Considerando que o seu trabalho como arqueólogo iniciou antes do reconhecimento da Arqueologia como uma ciência que poderia contribuir para a produção do conhecimento a partir da cultura material produzida pelas populações pretéritas, como conciliou a formação teológica com a de pesquisador do passado do Ser Humano?**

Entre os jesuítas de ascendência germânica do Sul do Brasil existia, no meu tempo, uma firme tradição de pesquisa, que nascia de sua formação filosófica na Alemanha. Enquanto eu estudava História e Geografia na UFRGS e lecionava História no Colégio Anchieta (1955-1958), viviam na mesma casa e trabalhavam no colégio, sacerdotes jesuítas pesquisando Botânica, Zoologia, Biologia, Química, Física, Etnografia, História romana e História dos jesuítas. Estes e vários outros jesuítas pesquisadores fundaram, em 1956, o Instituto Anchietano de Pesquisas; eu fui convidado para redigir a ata da fundação.

Naquele tempo os colégios jesuítas eram casas de cultura, com forte protagonismo nas ciências que vinham nascendo e que aos poucos se foram estruturando e concentrando nas universidades. Meu catedrático de Antropologia e Etnologia na UFRGS era o sacerdote jesuíta Balduino Rambo, famoso por seus estudos botânicos, criador do grande herbário do Instituto Anchietano de Pesquisas. Seu convite para me tornar arqueólogo era a expressão natural da expectativa que ele tinha para um jovem jesuíta. Nesse tempo se esperava que todo jesuíta, além de sua formação religiosa, tivesse uma especialidade no campo das Ciências ou da Administração. O jesuíta João Alfredo Rohr também iniciava, então, sua carreira de maior escavador do Brasil. Os livros do paleontólogo jesuíta Teilhard du Chardin, que refletia sobre evolução e criação no mundo de Deus, era uma boa muleta para um jovem jesuíta que se arriscava no estudo da história do Homem e tornavam a convivência entre teologia e evolucionismo mais fácil de administrar. Estes livros eram avidamente lidos e ardorosamente discutidos no ambiente universitário. Também as declarações do papa Pio XII amenizavam um possível conflito.

**3. Qual foi a motivação para pesquisar o estado de Mato Grosso do Sul?**

O projeto arqueológico de Mato Grosso do Sul não foi uma criação independente. Ele fazia parte de um grande programa de amostragem das culturas indígenas do território nacional. O programa foi planejado para identificar e caracterizar os assentamentos indígenas,



sua implantação e ambiente, a cronologia e trajetória das populações, sem excluir a interação destas populações com o colonizador. O objetivo último era colaborar na produção de uma história do Brasil mais longa e diversificada, que não contasse apenas eventos e peripécias do colonizador europeu, africano e asiático, mas também a trajetória dos povoadores indígenas.

Para esta amostragem eram delimitadas áreas de vinte mil quilômetros quadrados, distribuídas estrategicamente pela superfície do território. Em cada delimitação eram realizados três levantamentos sistemáticos de sítios, com ao menos 40 sítios por levantamento e, em cada sítio localizado, eram realizadas três coletas superficiais sistemáticas, além de cortes estratigráficos para avaliar e datar o material encontrado. A execução era relativamente fácil e exequível quando se tratava de aldeias ou acampamentos a céu aberto e se tornava complexa em abrigos rochosos, pintados e com espessas camadas de ocupação.

A execução deste programa começou pela região central do país, cobrindo os atuais estados de Goiás e Tocantins e logo se estendeu para o sudoeste da Bahia. Nas cinco áreas pesquisadas foram encontradas muitas aldeias de três grandes grupos de agricultores indígenas com datas que recuavam até 3.000 anos atrás; mas também foram encontradas áreas com muitos e grandes abrigos rochosos, em Serranópolis e Caiapônia em Goiás e Correntina na Bahia, com pinturas e gravuras em vários estilos, produzidas por populações caçadoras, que aí viveram a partir de 12.500 anos atrás.

Depois que o programa cumpriu seu objetivo básico na área central, ele transbordou para o Mato Grosso do Sul, com quatro projetos: Alto Sucuriu, Campo Grande, Pantanal e Rio Apa. Das quatro áreas planejadas, só foi pesquisado o Alto rio Sucuriu e o Pantanal.

No Alto rio Sucuriu foi trabalhado um grupo de abrigos rochosos cuja ocupação começa ao redor de 12.000 anos atrás e se caracteriza por muitas pinturas e gravuras parietais. Os sítios formam continuidade com os abrigos de Serranópolis, no sudoeste de Goiás, que não distam uns cem quilômetros, com os quais formam uma unidade cultural.

No Pantanal foi caracterizada a ocupação das áreas alagadiças, com seus inúmeros aterros, junto de extensos lajedos cobertos de gravuras. A ocupação do Pantanal inicia mais de 8.000 anos atrás por uma população parecida com a do Chaco. Mas as encostas férteis da Morraria eram o domínio de agricultores da família guarani. Também grupos Arawak chegaram à região e foi possível localizar duas aldeias em que missionários capuchinhos reuniram representantes seus no século XIX. Teria sido difícil compreender os assentamentos



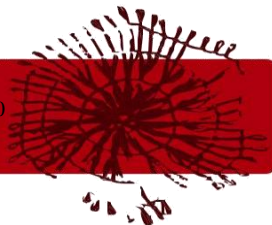
pré-coloniais se não tivéssemos estudado, paralelamente, as populações indígenas do século XIX e XX.

Apesar das limitações, os resultados foram satisfatórios. Somando nossos resultados aos de outros pesquisadores, consegue-se visualizar um panorama satisfatório do antigo povoamento do Mato Grosso: no planalto a continuação de grupos caçadores e agricultores de Goiás; no Pantanal a formação de nova cultura com elementos chaquenhos e a presença de grupos Arawak; ao longo dos grandes rios o domínio total ou parcial do agricultor guarani. Também existe alguma cronologia para marcar a trajetória, dos primeiros povoadores às etnias indígenas atuais.

Realizar um projeto fora da sede apresenta alguns problemas: equipe, locomoção, apoio, identificação e aceitação pelos moradores locais. Nas duas áreas do estado em que realizamos pesquisa tivemos um apoio básico e constante das unidades acadêmicas locais da UFMS, que proporcionaram identificação, pesquisadores em campos como Geografia, Geologia e Biologia, espaços para a divulgação do trabalho e dos resultados e muitas vezes a necessária condução. Contamos também com outros apoios muito oportunos: no Alto Sucuriu um jipão do exército para locomoção; em Corumbá a hospedagem dos Salesianos, a simpatia da Comissão Pastoral da Terra que abria os assentamentos, a TV local e o jornal que divulgavam correntemente nossas atividades e peripécias. Para socialização dos resultados no meio universitário e urbano realizamos cursos noturnos, sempre com grande afluência, interesse e colaboração. No Alto Sucuriu, que nem sabíamos bem onde ficava, nos fizemos conhecidos plantando uma reportagem prévia sobre nosso trabalho na Folha de São Paulo. Deu resultado: quando chegamos no pequeno lugar encontramos a reportagem colada na porta do açougue onde íamos comprar carne para nosso acampamento. A pergunta do açougueiro: são Vocês? Estávamos identificados e reconhecidos.

A pesquisa no Pantanal se esgotou, depois de 9 anos de colaboração e empatia, quando os mecanismos de apoio se enfraqueceram e a entrada nas propriedades, por razões variadas, se tornou problemática.

**4. Fazendo uma retrospectiva dos resultados obtidos no período de execução do Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul, quais foram as dificuldades para a realização das atividades de campo, considerando as distâncias e a abrangência da**



## **pesquisa proposta, e qual o impacto das produções resultantes para o estado e para a Arqueologia Brasileira?**

O arqueólogo que trabalha numa universidade e realiza projetos externos vai deixando para trás amigos, seguidores, continuadores. Nas instituições em que atuei como professor, orientador de mestrado e doutorado, ou parceiro de pesquisa, na UFRGS, PUCRS, UNISINOS, a PUC de Goiás e a UFMS, tive a sorte de interagir com jovens e não tão jovens entusiastas e engajados no trabalho. Todos passaram a fazer parte da minha vida e eu da vida deles numa invisível rede de conhecimento, profissionalismo e simpatia. E de cada um dos grandes projetos nasceu uma instituição que continua a desenvolver os projetos iniciados. Quando penso na proposta inicial, de colaborar para uma nova história do Brasil, que incluía a trajetória dos habitantes nativos, desde a sua chegada até agora, estou bastante satisfeito com os resultados: já temos o esboço de um panorama. O mesmo devo dizer da amostragem das culturas nativas, que foi iniciada com poucas pessoas dispondo de recursos mínimos e grande entusiasmo, e é realizada hoje por um grande número de profissionais e empresas com muitos recursos e técnicas padronizadas. Também não é mais só a história dessas populações que interessa, mas também a sobrevivência e o bem-estar delas.

**5. Como formador de recursos humanos pode-se afirmar que muitos arqueólogos e arqueólogas que atuam no RS e em outros estados iniciaram sua trajetória em projetos que estavam sob sua coordenação, e que hoje são também preparam jovens para seguir a mesma carreira. Como avalia os resultados desta formação para o senhor enquanto orientador destas pessoas, e para a Arqueologia brasileira?**

Quando fundamos a Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) era possível reunir todos os arqueólogos numa sala e propor questões em que todos se sentissem à vontade e cabiam num pequeno volume. Os arqueólogos viviam espalhados, sem comunicação e a maior parte recebera treinamento técnico e teórico. Esta situação marcou os objetivos das primeiras gestões: melhorar a formação dos arqueólogos e transformar sua prática cultural em ciência; possibilitar a formação de novos profissionais em cursos adequados; fazer com que



os profissionais dispersos pelo território se conhecessem e aprendessem a trabalhar com objetivos comuns.

Preparando a fundação da SAB havia dois grupos, um pensando uma sociedade científica tendo como referência a pesquisa universitária, o outro uma associação profissional à maneira de um sindicato de arqueólogos, proposta especialmente apoiada pelos professores e alunos do único curso de arqueologia, no Rio de Janeiro Sá. O primeiro grupo fundou a sociedade, com quase ausência do segundo, o que provocou considerável tensão, apesar de o secretário da diretoria provisória ser da escola. Para remediar a situação, a primeira reunião da Sociedade foi realizada na Faculdade Estácio de Sá. O resultado foi muito bom, os dois grupos foram conciliados, a diretoria provisória foi confirmada e a sociedade sobreviveu e cresceu.

A situação atual é muito diferente: Ao lado da arqueologia pré-histórica apareceram sucessivamente a arqueologia histórica, a arqueologia de salvamento, a arqueologia colaborativa. A arqueologia no começo era Cultura, passou a Ciência, se tornou Patrimônio e atualmente pode ser Política ou Ação Social. Hoje temos instituições universitárias e empresas de arqueologia. O problema inicial continua: o que é o arqueólogo? Ele é um cientista universitário ou um técnico em patrimônio. Em outros países, como nos Estados Unidos, existem duas associações: uma científica, outra técnica. A velha discussão e o problema da profissionalização.

O problema da Sociedade: coordenar as correntes, insistir na formação, manter a autonomia e defender a profissão. Especialmente, insistir e trabalhar para que os inúmeros pequenos fragmentos recolhidos e escavados nos trabalhos de salvamento deixem de ser lixo e se transformem em conhecimento e patrimônio para uma nação multiétnica, multicultural e multivocal.

#### **6. Para concluir, qual a sua mensagem para quem deseja ser arqueólogo/a?**

O que dizer a um jovem que se prepara para ser arqueólogo? Estude, crie uma base sólida de conhecimento geral e diversifique este conhecimento tanto quanto puder porque a arqueologia é dinâmica tanto quanto nossa sociedade. O Brasil está sujeito ao bombardeio de muitos modismos. Tente conhecê-los, mas não esqueça que a Nação precisa que os seus cidadãos a estudem, a interpretem e a desenvolvam.